

DEZEMBRO

MÍSSIL 2- Relatório reservado do Tribunal de Contas da União revela irregularidades na implantação do Sivam. A folha de pagamentos da Esca incluía seis dos nove integrantes da comissão que, em 1993, escolheu a empresa para participar do projeto.

TURBULÊNCIA - A divulgação da pasta rosa com o nome de políticos que tiveram campanhas financiadas por bancos causa uma crise no Congresso.

VENTO CONTRÁRIO - Aliança de sindicalistas e deputados da oposição retarda a votação da reforma da Previdência

FEVEREIRO/96

VENTO FAVORÁVEL - O Fundo de Estabilização Fiscal, que serve para o governo cobrir o déficit público, é aprovado pelo Congresso. O governo negocia a Reforma da Previdência com os sindicatos, inclusive a CUT.

TURBULÊNCIA - Renuncia o presidente da Comissão da Previdência, deputado Jair Soares (PFL-RS). O presidente da Câmara, Luiz Eduardo Magalhães (PFL-BA), acaba com a comissão para apressar a votação da reforma.

MARÇO

POUSO FORÇADO - A crise do Banco Nacional foi *mãquiada* nos balanços dos últimos dez anos. O presidente do Banco Central, Gustavo Loyola, responsável pela fiscalização dos bancos depõe no Congresso. "Erramos", confessa. Em um mesmo dia, o governo amarga duas grandes derrotas no Congresso. De manhã, o Senado cria uma CPI para investigar os bancos. À noite, a proposta de reforma da Previdência não passa na Câmara.



Governo é vítima de "fogo amigo"

Vanda Célia e Marcelo de Moraes
Da equipe do Correio

O deputado Júlio César (PFL-PI) queria indicar o representante do Ibama no estado para dar uma demonstração de força política no ano eleitoral. Serviu lealmente ao governo durante o ano passado, leu com atenção o *Diário Oficial*, mas a indicação não veio. Na quarta-feira passada, ele mudou de atitude. Faltou à votação da reforma da Previdência.

Depois de pedir audiência ao ministro da Fazenda, Pedro Malan, e esperar seis meses pela resposta, o deputado Herculano Anghinetti (PPB-MG), também decidiu se vingar com muito gosto. Afinal, além de ser tratado com descaso, era contra a reforma da Previdência. Também faltou à votação.

Irritação — Herculano estava irritado com a arrogância de Malan. E olha que ele já havia se queixado até ao presidente Fernando Henrique num jantar há menos de mês na casa do deputado Pauderney Avelino (PPB-AM). "Foi mais fácil falar com o senhor do que com seu ministro da Fazenda", disse ao presidente.

Foram deputados como Anghinetti e Júlio César, aliados do governo, que derrotaram o governo na semana passada. A reforma não passou porque faltaram 14 votos e muitos governistas votaram com a oposição. "Fomos vítimas de *fogo amigo*", admitiu o líder do PMDB, Michel Temer (SP) a um companheiro de partido.

No caso de Temer, a imagem é apropriada. *Fogo amigo* significa ser derrubado por aliado. O PMDB foi o partido que mais atirou contra a reforma, embora faça parte da base de sustentação parlamentar de Fernando

Henrique. A começar pelo seu presidente, Paes de Andrade (CE) e pela musa do Congresso, deputada Rita Camata (ES).

Rita e Paes, por razões diferentes, estavam contra a reforma. Ele é contra o fim da aposentadoria por tempo de serviço e quer se eleger presidente da Câmara dos Deputados com o apoio da oposição. Ela quer discutir mais o assunto. Acha até que o governo durante a negociação deu mais

atenção e no discurso do Real para ajudar os aliados na eleição municipal deste ano, o presidente menosprezou a aflição dos 116 deputados que querem ser prefeitos. Até tucanos, caso de Simão Sessim (RJ), pensaram nos milhares de votos dos aposentados do Rio e ficaram contra o governo. Sessim é candidato a prefeito de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense.

O governo também superestimou o valor dos cargos federais que leilou entre os amigos. Eles sempre valeram votos em todos os governos, mas os deputados cobram também atenção dos líderes, dos ministros e do presidente.

Surdina — É por isto que os operadores políticos do governo resolveram agir na surdina agora para tentar reverter o resultado. Há várias táticas para retomar o comando do plenário. Em algumas, a decisão é fazer demissões de apadrinhados políticos que estão em cargos do governo, em outras fazer as indicações pedidas.

"Os profissionais voltaram ao comando da negociação política, o negócio agora é olhar caso a caso", disse o deputado Paulo Bornhausen (PFL-SC), prevendo uma virada em favor do governo para a votação do projeto original do governo sobre a reforma da Previdência, previsto para a primeira semana de abril.

Mesmo que recuem dos votos contrários, compareçam à votação e desistam das abstenções, os governistas marcaram posição na semana passada, dando uma lição a Fernando Henrique. "O governo não tem o controle automático do Congresso", admitiu o senador Lúcio Alcântara (PSDB-CE), reconhecendo que nem a aprovação popular do governo tucano e nem o êxito do Plano Real foram suficientes para amansar o Poder Legislativo.

"O governo não tem o controle automático do Congresso"

Lúcio Alcântara (PSDB-CE)

atenção a Vicentinho, presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT), do que aos deputados. "Fernando Henrique vai ficar sem votos aqui dentro", previa. Acertou.

Pavões — O deputado Pedro Novaes (PMDB-MA) também achava que o governo ia perder porque trata mal seus aliados. "A arrogância deles é total, parecem pavões", comentava no cafezinho sobre Fernando Henrique e seus ministros tucanos. Na quarta-feira, Novaes se absteve de votar. Foi menos um para os pavões.

Confiando nas pesquisas de apro-